



Colégio Paulo VI

**Região Norte
Porto**

Equipa Armindas

Categoria A

**UM PORTUGAL
ABERTO AO
EXTERIOR**

**-
ANÁLISE
ESTATÍSTICA**

Contextualização e objetivos de exploração

O tema tratado vem a propósito das crescentes relações do nosso país com o estrangeiro, quer intra quer extracomunitárias, intensamente fortificadas não só pela progressiva participação de Portugal em diversas comunidades e organizações internacionais, mas também pela “explosão” do turismo a que se tem vindo a assistir. Tal vai refletir-se a nível económico, nomeadamente no saldo da balança de serviços, nas migrações e consequentes remessas, no valor cambial das moedas, e, por fim, na rendabilidade das empresas prestadoras de serviços e nos juros que suportam.

Através da informação disponibilizada pelo Banco de Portugal, fornecida pelo site BPstat, o trabalho por nós realizado tem o intuito de apresentar, analisar e relacionar dados estatísticos acerca da rubrica das “viagens e turismo”, componente da balança de pagamentos portuguesa; da rubrica “remessas de migrantes”, também componente da balança de pagamentos portuguesa; das taxas de câmbio que traduzem o valor do euro em relação às moedas estrangeiras; e dos rácios de desempenho do ativo e de custos de financiamento das empresas portuguesas. Os dados apresentados são referentes a uma multiplicidade de países com que Portugal mantém fortes relações comerciais e mostram a evolução mensal e anual de cada um dos indicadores analisados.

Todos os dados utilizados foram os disponibilizados pela organização, tendo recorrido ao programa Microsoft Excel para a construção de gráficos e de novos indicadores de análise baseados nos dados fornecidos para ser possível atingir os objetivos enunciados.



Viagens e turismo

A rubrica “viagens e turismo” é uma das componentes da balança de pagamentos e é registada na balança de serviços. Permite avaliar os fluxos referentes ao turismo internacional e o seu saldo é calculado ao subtrair o débito (valor gasto por turistas portugueses no estrangeiro – saída de dinheiro do país) ao crédito (valor gasto por turistas estrangeiros em Portugal – entrada de dinheiro no país).

Sendo atualmente Portugal um destino turístico tão atrativo, é natural que o saldo seja positivo, mas qual tem sido a sua evolução ao longo dos anos e quais são os países com maiores e menores valores de saldo?

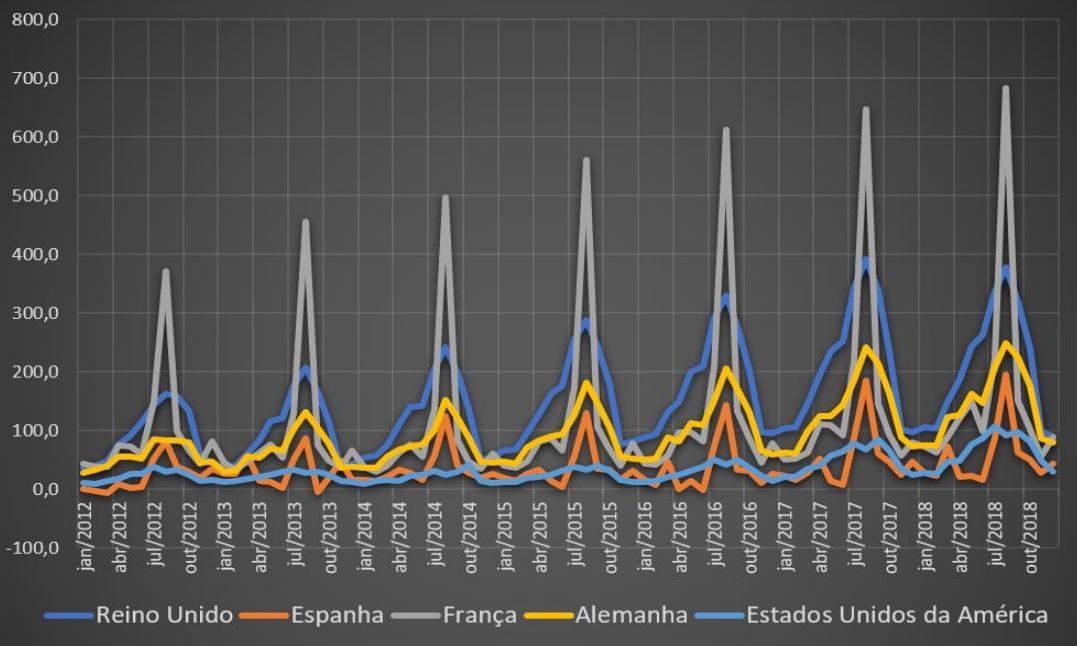


Fig. 1 – saldo em milhões de euros da rubrica “viagens e turismo”, componente da balança de serviços portuguesa

Na figura 1, é de salientar uma grande sazonalidade registada em todos os países, com um aumento acentuado do saldo nos meses de verão e grande declínio no inverno. As maiores variações intranuais são registadas na relação com França e os maiores valores anuais atingidos verificam-se sensivelmente em Agosto, também com a França. O país com o qual as transferências são mais estáveis é os Estados Unidos da América.

	R. Unido	Espanha	França	Alemanha	E.U.A.
2012	1112,2	268,7	1137,2	687,1	265,0
2014	1469,9	428,2	1168,4	902,6	254,4
2016	2168,0	406,5	1585,9	1284,0	359,4
2018	2517,1	653,3	1897,6	1732,8	768,7
Varição	126,3%	143,1%	66,9%	152,2%	190%

Fig. 2 – saldo anual em milhões de euros da rubrica “viagens e turismo” e a sua variação entre 2012 e 2018

Na figura 2, pode observar-se a soma anual dos saldos mensais da rubrica previamente tratada. Regista-se uma tendência geral de crescimento do saldo com todos os países. Apesar de na figura 1 a França se destacar nos meses de verão, comprova-se nesta figura que o país com que se registam valores mais elevados é o Reino Unido, que, apesar de não atingir picos tão elevados, mantém um saldo elevado todo o ano e regista uma menor sazonalidade do que França.

Já a figura 3 aponta que entre 2012 e 2018 os Estados Unidos da América, apesar de ser em certos anos o país com menor saldo, apresentou o maior crescimento do saldo, enquanto que a França registou a menor variação.



Remessas de migrantes

A rubrica “remessas de migrantes” é uma das componentes da balança de pagamentos, registada na balança de transferências correntes (balança de rendimentos secundários). Permite avaliar os fluxos referentes às transferências feitas pelos migrantes que residem e trabalham noutro país para o respetivo país de origem (remessas), fluxos tais que vão adicionar ao rendimento disponível das famílias que os recebem. O seu saldo é calculado ao subtrair o débito (valor enviado por cidadãos estrangeiros residentes em Portugal para os respetivos países de origem – saída de dinheiro do país) ao crédito (valor enviado pelos cidadãos portugueses residentes no estrangeiro para Portugal – entrada de dinheiro no país).

Portugal é um país cujas fortes ondas migratórias, quer de entrada quer de saída, remontam do século XX. Assim, quais são os países com que registamos maior e menor saldo de remessas? E como é a variação intra e interanual dos valores das remessas?

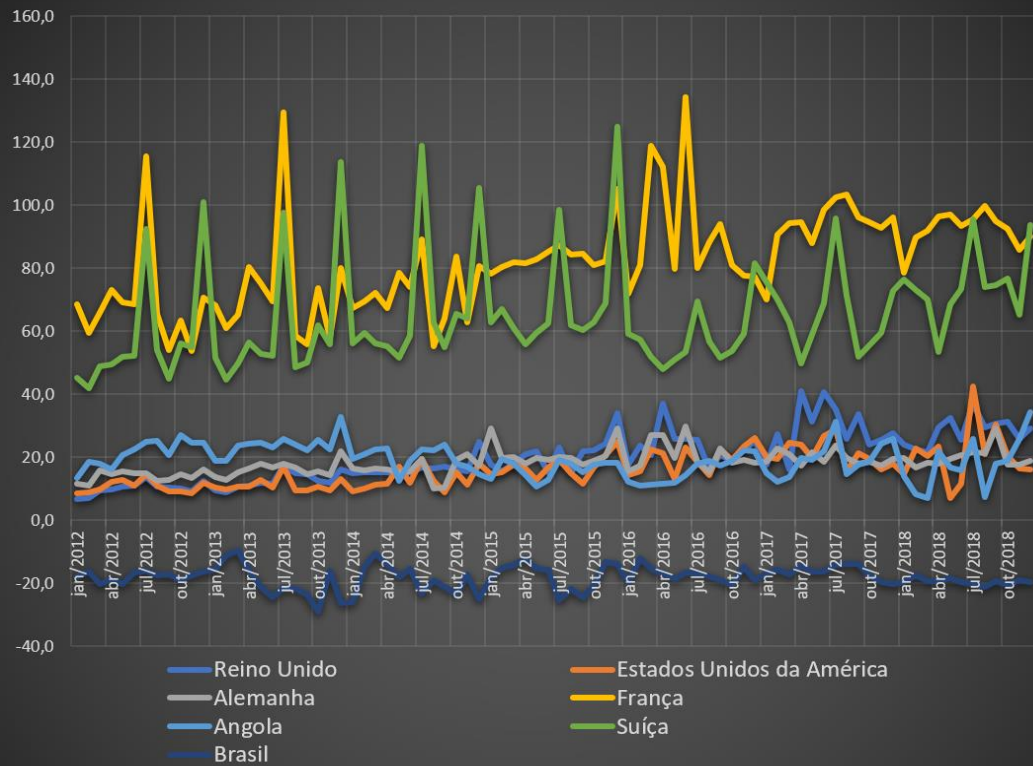


Fig. 3 – saldo em milhões de euros da rubrica “remessas de migrantes”, componente da balança de transferências correntes portuguesa

	R. Unido	E.U.A.	Alemanha	França	Angola	Suíça	Brasil
2012	120,5	127,1	167,3	826,3	255,3	692,2	-214,9
2014	196,0	156,1	191,8	863,4	234,2	808,4	-228,5
2016	279,1	233,1	248,0	1095,7	188,4	692,0	-207,9
2018	338,4	246,3	238,1	1105,1	213,2	894,2	-234,4
Variação	180,8%	93,8%	42,3%	33,7%	-16,5%	29,2%	9,1%

Fig. 4 – saldo anual em milhões de euros da rubrica “remessas de migrantes” e a sua variação entre 2012 e 2018

Na figura 4, sistematicamente, verificam-se os valores mais altos de saldo nos meses de julho e de dezembro, retornando-se ao conceito da sazonalidade, neste caso verificada também no inverno. Os dois países com que mantemos o saldo mais elevado e com maior variação intranual são a França e a Suíça e, por fim, o único país que regista valores constantemente negativos é o Brasil.

Na figura 4, estão registadas a soma anual dos saldos da rubrica previamente tratada. Apesar da alternância observada na figura 3 entre a França e a Suíça quanto ao país com que se verifica o saldo mais elevado, observa-se nesta figura que é a França quem apresenta os valores anuais de saldo mais elevados. Entre 2012 e 2018, o saldo com o Reino Unido teve o maior crescimento, contrariamente ao com a Angola, que diminuiu. Por fim, houve um agravamento do défice com o Brasil.



Taxas de câmbio

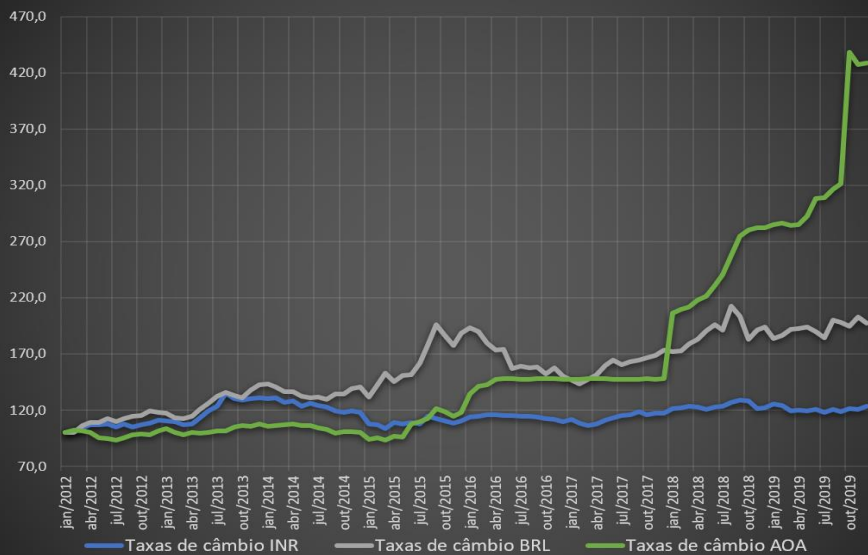
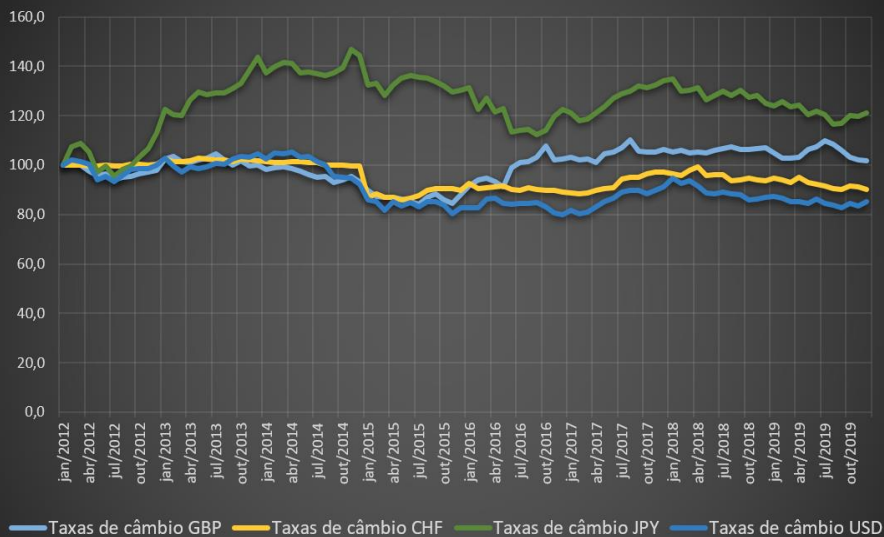


Fig. 5 e 6 – taxa de câmbio face ao euro com ano-base de 2012

A taxa de câmbio face ao euro refere-se à quantidade da moeda estrangeira que equivale a um euro, no mercado cambial, isto é, indica a quantidade da moeda estrangeira que é possível adquirir com um euro.

Considerando os países com que Portugal mantém fortes relações comerciais e as suas moedas, quais são os seus valores relativos ao euro e a variação destes?

Os valores apresentados nas figuras 5 e 6 referem-se à taxa de câmbio das moedas estrangeiras, utilizando como índice o ano de 2012. Assim, o objetivo é comparar a variação de cada moeda face ao ano-base, assim como facilitar a comparação da variação entre diferentes moedas. Pode-se concluir que tanto o franco suíço como o dólar americano se valorizaram face ao euro entre 10% e 20%; a libra esterlina e a rupia indiana mantiveram-se relativamente estáveis face ao euro, acabando por registar um valor similar em 2012 e 2019; por fim, o iene japonês, o real brasileiro e o kwanza angolano todos perderam valor face ao euro, em cerca de 20%, 100% e 320%, respetivamente, sendo de destacar a acentuada e rápida perda de valor do kwanza entre 2018 e 2019.

	GBP	CHF	JPY	USD	INR	BRL	AOA
2012	0,812	1,204	103,489	1,293	69,020	2,531	122,838
2013	0,850	1,229	130,182	1,331	78,471	2,894	128,158
2014	0,803	1,213	140,503	1,321	80,701	3,109	129,988
2015	0,724	1,065	133,631	1,105	71,010	3,743	133,183
2016	0,823	1,091	120,441	1,103	74,200	3,819	182,324
2017	0,876	1,116	127,304	1,137	73,788	3,643	184,866
2018	0,886	1,152	130,006	1,179	80,626	4,329	303,666
2019	0,876	1,112	122,259	1,121	78,849	4,420	410,132

Legenda
 GBP – Libra Esterlina
 CHF – Franco Suíço
 JPY – Iene Japonês
 USD – Dólar dos EUA
 INR – Rupia Indiana
 BRL – Real do Brasil
 AOA – Kwanza de Angola

Fig. 7 – taxa de câmbio face ao euro

Já na figura 7, é dada a taxa de câmbio anual, através da qual é possível comparar os valores de cada moeda. A libra esterlina é a que vale mais face ao euro, traduzindo na capacidade adquirir a maior quantidade de euros com uma libra ou a menor quantidade de libras com um euro. As moedas que mais perderam valor no período em análise foram o real brasileiro, o iene japonês e o kwanza angolano, sendo digna de destaque este último que, além de em 2012 já ser a moeda de menor valor, a sua taxa de câmbio face ao euro teve a maior taxa de variação. Assim, a quantidade de kwanzas que era possível adquirir com um euro em mais do que triplicou entre 2012 e 2019.



Financiamento e rendibilidade

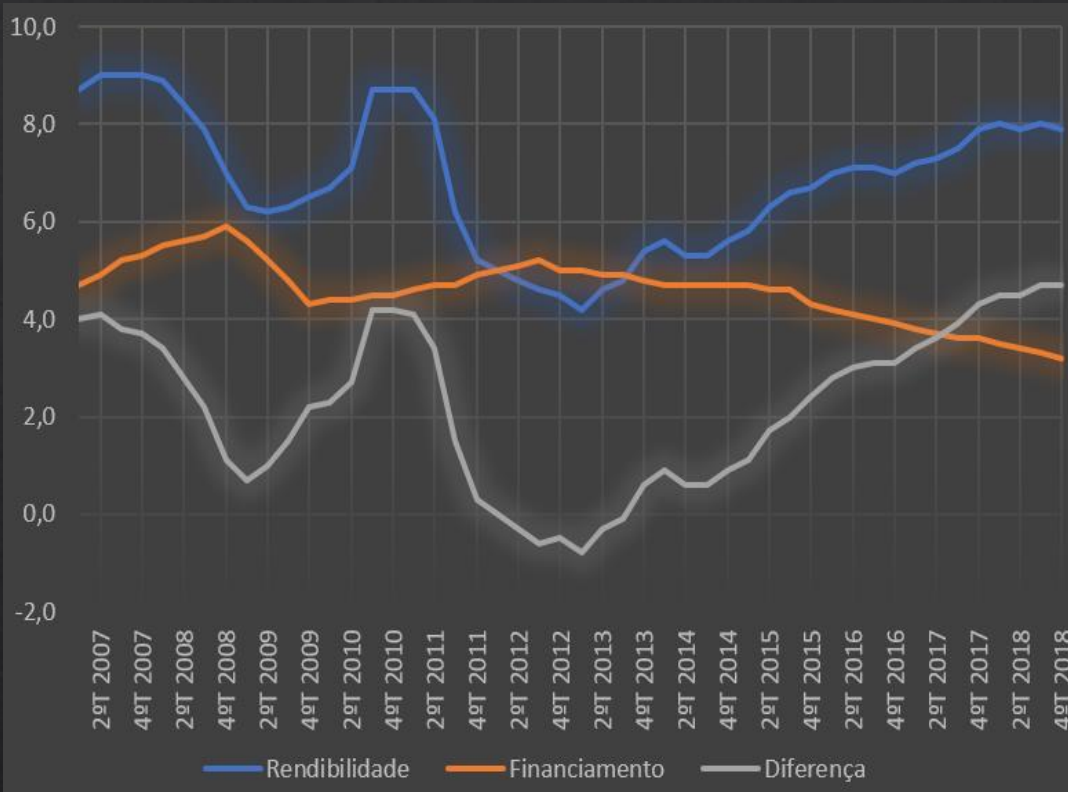


Fig. 8 – rácio de rendibilidade do ativo das empresas, rácio de custos de financiamento das empresas e diferença entre si

- O rácio de rendibilidade do ativo corresponde a: $\frac{\text{resultados operacionais brutos}}{\text{valor do ativo}}$

Quanto maior o valor deste rácio, maior será a rendibilidade por unidade de ativo, isto é, mais eficiente será a empresa (denotação positiva), e vice-versa.
- Já o rácio de custos de financiamento corresponde a: $\frac{\text{gastos de financiamento}}{\text{valor total do financiamento}}$

Quanto maiores forem os custos associados ao financiamento, como os juros, maiores serão os gastos de financiamento por unidade de financiamento obtida, logo o rácio aumentará (denotação negativa), e vice-versa.
- Quanto maior for a diferença entre os rácios (*rendibilidade – financiamento*), maior será o rácio de rendibilidade e/ou menor será o de financiamento (denotação positiva), e vice-versa. A diferença, portanto, vai ter uma espécie de relação de proporcionalidade direta com a rendibilidade e de proporcionalidade inversa com o financiamento.

As empresas portuguesas conseguiram tornar os seus ativos mais produtivos nos últimos anos? Suportaram custos associados ao financiamento cada vez mais altos ou mais baixos?

Na figura 8, estão registados o rácio de rendibilidade do ativo e o rácio de custos de financiamento das empresas públicas e privadas portuguesas, assim como a diferença entre esses dois indicadores. Verificaram-se os maiores valores do rácio de rendibilidade em 2007, 2010 e 2018, registando-se uma tendência praticamente constante de crescimento desde 2013.

Já os menores valores do rácio de financiamento constam de 2018, devido a uma descida moderada, que se iniciou em 2012.

Finalmente, houve uma diminuição da diferença entre o rácio de rendibilidade do ativo e o rácio de custos de financiamento de 2007 a 2008 e de 2010 a 2012, e um aumento de 2009 a 2010 e de 2013 a 2018. A diferença atingiu os valores mais elevados em 2007, 2010 e 2018 (note-se, sensivelmente coincidente com o rácio de rendibilidade) e registou valores negativos apenas em 2012 e 2013, anos em que o rácio de financiamento ultrapassou o de rendibilidade, portanto o investimento utilizando capitais alheios era prejudicial às empresas nesses anos.



Rendabilidade dos serviços

Como referido anteriormente, o rácio de rendibilidade do ativo corresponde a: $\frac{\text{resultados operacionais brutos}}{\text{valor do ativo}}$

Quanto maior o valor deste rácio, maior será a rendibilidade por unidade de ativo, isto é, mais eficiente será a empresa (denotação positiva), e vice-versa. Desta forma, um país como Portugal, cujo PIB, criação de emprego e desenvolvimento no geral são tão dependentes da receção de turistas, deveria ter uma maior especialização na prestação de serviços (setor mais associado ao turismo) e consequentemente uma maior produtividade e eficiência na área. Mas será o rácio de rendibilidade do ativo das empresas prestadoras de serviços superior ao rácio das empresas de outros ramos?

	Eletricidade, gás e água	Construção	Serviços	Indústrias	Comércio	Transportes e armazenagem
2018	8,2	4,5	7,7	10,7	7,6	11,7
2017	8,4	4,0	7,1	9,9	7,6	11,4
2016	9,3	3,7	6,7	9,6	6,9	11,2
2015	8,9	3,2	5,2	8,6	6,5	10,6
2014	9,7	2,8	3,8	7,3	5,8	9,3
2013	8,8	1,9	4,3	6,8	4,1	6,0
2012	9,1	1,1	4,3	6,9	4,8	6,3
2011	9,8	3,4	7,3	8,1	5,4	10,1
2010	9,6	3,8	9,4	8,3	6,4	9,1
2009	8,2	3,9	6,5	8,2	6,1	8,9
2008	8,9	5,9	9,8	9,7	7,5	9,8
2007	9,6	5,8	10,6	10,8	8,0	9,7
2013 - 2018	-7,4%	140%	79,1%	58,5%	85,3%	95,4%
2007 - 2012	-5,0%	-81,4%	-59,8%	-36,0%	-40,3%	-35,0%

Na figura 9, é possível comparar o rácio de rendibilidade das empresas portuguesas em diversos setores. Em 2018, o setor dos serviços tinha dos rácios de rendibilidade mais baixos relativamente aos outros, com um grande destaque pela positiva dos transportes e armazenagem, assim como das indústrias.

Em 2007, ainda antes de Portugal ser um destino turístico altamente aclamado como é hoje, os valores eram consideravelmente mais elevados e os serviços eram dos setores mais eficientes, juntamente com as indústrias. Porém, entre 2007 e 2012, prestes a suceder a “explosão” do turismo, houve uma redução em 60% da rendibilidade do ativo nos serviços. Esta atingiu o seu ponto mais baixo em 2014, e entre 2013 e 2018 registou uma variação de 79%, já sendo Portugal bastante procurado pelos turistas.

Maior parte dos setores regrediu até 2012 e a generalidade registou o seu ponto mais baixo de rendibilidade entre 2012 e 2014, voltando a recuperar a partir de 2013. É ainda digno de destaque o setor da construção, que sempre registou valores consideravelmente baixos e teve a maior diminuição até 2012; porém, atingiu um crescimento de 140% a partir de 2013.

Assim, podemos concluir que, apesar da forte e crescente aposta no turismo por parte de investidores na última década, o setor dos serviços registou em 2018 um dos valores mais baixos de rácio de rendibilidade do ativo, assim como apresentou dos crescimentos deste indicador mais baixos, face aos outros setores.

Fig. 9 – rácio de rendibilidade do ativo das empresas e a sua variação entre 2007 e 2012, e 2013 e 2018

Portugal é cada vez mais um país *aberto ao exterior*. Os indicadores analisados comprovam esta afirmação e demonstram a importância que esta opção tem para toda a nossa sociedade. Desta forma, pode verificar-se através das informações analisadas anteriormente, tendo em conta o seguinte:

- ◆ O saldo da rubrica “viagens e turismo” é a diferença entre fluxos de entrada e de saída relativos a turismo internacional. Os saldos com todos os países assinalaram valores positivos e crescimentos, sendo que o maior saldo foi com o Reino Unido e o maior aumento se verificou com os Estados Unidos da América;
- ◆ O saldo da rubrica “remessas de migrantes” é a diferença entre remessas de emigrantes e de imigrantes. O país com que se regista maior saldo é a França e o único com que Portugal mantém um saldo negativo é o Brasil. Assim, nota-se uma grande emigração portuguesa para a França e, contrariamente, imigração brasileira para Portugal;
- ◆ O euro, enquanto moeda de troca internacional, prova ser bastante estável. Angola e Brasil destacam-se pela desvalorização do kwanza e do real, respetivamente, o que vai afetar a nossa economia, por mantermos fortes relações comerciais e de investimento com tais países;
- ◆ A diferença entre o rácio de rendibilidade do ativo e o de custos de financiamento teve valores geralmente positivos e inconstantes. Porém, em 2012 e 2013, esta diferença tomou valores negativos, o que significava que a eficiência das empresas não atingia valores suficientes para suportar os custos de financiamento, sendo então prejudicial às empresas recorrer a capitais alheios para investimento;
- ◆ O setor dos serviços, bastante associado ao turismo, apresenta das rendibilidades mais baixas em relação a outros setores, tendo sido a sua taxa de variação das mais baixas igualmente. Assim, Portugal fica aquém das expectativas na prestação de serviços, atendendo à crescente aposta no setor a que se tem vindo a assistir.

Ao relacionar os indicadores, observa-se que a diminuição do saldo das remessas avaliadas em euros com Angola (ou seja, crescimento do seu envio para Angola e/ou decréscimo do seu recebimento de Angola) acompanhou a perda de valor do kwanza face ao euro, dois factos que podem estar relacionados entre si. O mesmo sucedeu no Brasil, onde se verificou tanto a desvalorização do real face ao euro como o agravamento do défice das remessas com o Brasil.

Deverá ainda realçar-se que os anos em que houve uma quebra na eficiência e um aumento dos custos de financiamento, ao ponto de a diferença entre eles ser negativa (2012 e 2013, observado nos dois últimos indicadores), coincidiram com os anos em que o efeito da crise se sentiu mais em Portugal, o que também poderá estar fortemente relacionado.

Conclusão